



ORIENTE MÉDIO / Bombardeios de Israel contra a Faixa de Gaza se intensificam. Na Cisjordânia, manifestantes palestinos entram em confronto com militares judeus, que abrem fogo e matam 11. Foguetes lançados a partir da Síria caem em território israelense



Missil destrói o Banco Intaj, ligado ao Hamas, em Gaza



Tanques posicionados na fronteira entre Israel e Gaza



Palestinos fogem da cidade de Beit Hanun (norte)



Idosa vê os danos causados por foguete, em Ashkelon

A violência se espalha

» RODRIGO CRAVEIRO

O conflito no Oriente Médio se agravou nas últimas horas, com a morte de manifestantes na Cisjordânia, protestos de 2 mil palestinos na Jordânia, disparo de foguetes lançados pela primeira vez a partir da Síria em direção a Israel, além do uso de peças de artilharia na fronteira com a Faixa de Gaza. Um membro da milícia xiita libanesa Hezbollah também foi morto por disparos de obuses de Israel na divisa entre os dois países. A aviação israelense intensificou os bombardeios nas últimas horas, forçando mais de 10 mil moradores do enclave palestino de 365km² a abandonarem suas casas.

Soldados judeus dispararam contra palestinos em Jericó, Nablus, Jenin, Hebron, Ramallah (capital da Cisjordânia) e Siloé, deixando 11 mortos e 150 feridos. A violência prossegue nas "cidades mistas", onde árabes israelenses e judeus conviviam pacificamente até domingo passado. Mais de 400 pessoas foram presas, e quase 1.000 policiais da fronteira se deslocaram até Lod, Acre e outras localidades.

Até o fechamento desta edição, os bombardeios de Israel sobre a Faixa de Gaza tinham matado 126 palestinos, incluindo 31 crianças e 20 mulheres, e ferido 950. Do lado israelense, os foguetes disparados pelo Hamas deixaram oito mortos, incluindo um soldado. O "Domo de Ferro" (escudo antimísseis) interceptou 90% dos 1.800 foguetes. O *Correio* recebeu a confirmação de que a notícia divulgada, e depois desmentida, pelas Forças de Defesa

» Os dois lados



"Aviões atacam em todos os lugares. Eles alvejaram vários bancos, para deteriorar ainda mais a crise. Muitas casas são atacadas, o que aumenta o número de civis mortos. Tenho medo de morrer, mas estamos lutando por nossa liberdade."

Ahmed Abu Artema, 36 anos, escritor e ativista palestino, morador da Cidade de Gaza



"O Hamas deseja trégua imediata. Israel decidirá quando encerrará a operação, e só o fará quando as perdas do grupo forem suficientes para impedi-lo de atacarem o país. Isso deve levar dias."

Eytan Gilboa, professor da Universidade Bar-Ilan, em Ramat Gan (Tel Aviv)

de Israel (IDF) de que a ofensiva terrestre à Faixa de Gaza tinha começado na noite de quinta-feira foi uma manobra diversionista. Com a informação sobre a invasão, militantes do Hamas correram até um complexo de túneis construído pelo movimento fundamentalista, no norte do enclave palestino. Israel bombardeou o local, destruindo a infraestrutura. Os túneis eram usados para que combatentes e líderes do Hamas atravessassem a Faixa de Gaza sem serem detectados pelas câmeras dos aviões israelenses.

Dos três artefatos lançados da

Abbas Momani/AFP



Manifestantes lançam pedras contra tropas israelenses, perto do assentamento judaico de Beit El, na Cisjordânia

Síria, dois caíram em áreas abertas ao sul das Colinas do Golã e um em território sírio. Ninguém ficou ferido. Entre as 7h e as 19h de ontem (pelo horário local), 140 foguetes tinham sido disparados da Faixa de Gaza rumo a Israel. Casas em Sderot e em Ashkelon, no sul de Israel, foram atingidas, sem que houvesse vítimas. Também houve ataques contra Beer-sheva, no Deserto do Neguev. O Conselho de Segurança da ONU deve se reunir amanhã, em caráter virtual, para debater o conflito.

Morador da Cidade de Gaza, o escritor palestino Ahmed Abu Ar-

tema, 36 anos, contou que os bombardeios de ontem foram os mais intensos desde 2014. "Nós sentimos medo, mas, ao mesmo tempo, dignidade por causa da resistência à ocupação. Israel ataca lugares para causar danos às pessoas. Há poucos minutos, um amigo recebeu um telefonema para que abandonasse a própria casa, pois seria atacada. Isso aconteceu e tem ocorrido a cada hora", disse à reportagem. "Há poucos minutos, eles bombardearam um casarão com muitos civis, incluindo crianças. Haverá muitas vítimas", acrescentou, às

2h de hoje (20h em Brasília). Ele crê que um cessar-fogo deverá ser assinado nas próximas horas.

Intifada

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York e especialista em Oriente Médio, o iraquiano Alon Ben-Meir admitiu o risco de uma terceira intifada (levantamento palestino). "Especialmente se a atual conflagração continuar, com número crescente de baixas, especialmente entre os palestinos. Eu não acredito que o Hamas e a Autori-

dade Palestina queira ver tal escalada, sabendo muito bem que, embora ela possa infligir dano sobre Israel, eles não serão capazes de sustentar uma retaliação massiva de Israel, especialmente agora, que os israelenses preparam uma invasão a Gaza."

Para Ben-Meir, o real propósito da intensificação de bombardeios sobre Gaza é dissuadir o Hamas de manter os disparos de foguetes contra Israel. "Creio que, da perspectiva do Hamas, eles já alcançaram o seu objetivo como o defensor final de Jerusalém e podem reduzir seus ataques com foguetes antes de Israel lançar uma ofensiva terrestre", avaliou. Ele considera o disparo de foguetes a partir da Síria como uma terceira frente no conflito. "As forças israelenses certamente retaliarão, mesmo de forma desproporcional. Essa provocação pode muito bem ter vindo do Irã e não das forças sírias. O governo do presidente sírio, Bashar Al-Assad, não está interessado em um confronto militar com Israel."

Eytan Gilboa, professor de comunicação política da Universidade Bar-Ilan, em Ramat Gan (Tel Aviv), disse ao *Correio* que, desde o cancelamento das eleições legislativas palestinas, o Hamas tenta tomar a Cisjordânia e transformá-la em uma Gaza. "Ativistas do Hamas começaram os distúrbios na Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém. Fortemente golpeado, o movimento está convocando os seus ativistas a abrirem uma segunda frente contra soldados israelenses na Cisjordânia", comentou. "Não vejo o perigo de uma terceira intifada. O que o Hamas pretende é eliminar o Fatah e controlar a Cisjordânia, como fez em 2007."



Conexão diplomática

por Silvio Queiroz silvioqueiroz.df@gmail.com

Gaza dá a medida do recuo do Brasil

Da última vez que Israel e os palestinos de Gaza travaram uma (breve) guerra de bombardeios, há pouco menos de uma década, o Brasil vinha de liderar um movimento diplomático quase unânime na América do Sul e América Latina. A maioria dos governos da região seguia o gesto simbólico adotado por Lula nos últimos dias da presidência, em 2010, e dava à Autoridade Nacional Palestina o reconhecimento como entidade estatal, nos limites territoriais anteriores à guerra árabe-israelense de 1967 — Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental. Durante o conflito de 2014, a posição ostensiva da diplomacia brasileira, que julgou desproporcional a resposta israelense, resultou em grave e prolonga-

do mal-estar, dissipado apenas depois que Michel Temer substituiu Dilma Rousseff, em 2016.

Chama a atenção dos observadores, agora, o silêncio observado até o momento pelo Planalto e pelo Itamaraty. Inclusive por conta do alinhamento ostensivo do governo Bolsonaro, desde os primeiros dias, com o premiê israelense, Benjamin Netanyahu. No primeiro ano de mandato, o presidente brasileiro chegou a acenar com a possibilidade de transferir a Embaixada em Israel de Tel Aviv para Jerusalém — na prática, efetivando o reconhecimento da cidade como capital de Israel, uma situação de fato que a comunidade internacional desautoriza, na sua maioria.

Netanyahu, que foi o governante de maior expressão a prestigiar a posse de Bolsonaro, em janeiro de 2019, foi também o primeiro a receber o novo presidente brasileiro, fora da vizinhança imediata. Àquela altura, Planalto e Itamaraty faziam eco ao alinhamento ostensivo da Casa Branca de Donald Trump com Israel. Nos pouco mais de dois anos em que ocupou o cargo, o chanceler Ernesto Araújo teve esta como uma das linhas principais para a atuação do país na frente externa.

O perfil discreto mantido até aqui sobre a nova crise entre Israel e palestinos, já com um saldo superior a 100 mortos, se soma a outros indicadores

de que o novo chanceler, Carlos França, se concentra de momento em recompor internamente o ministério, que se ressentiu da atuação pronunciada e ostensiva do antecessor em um viés ideológico que divide (no mínimo) o corpo profissional da diplomacia.

Em cartaz na CPI

A última movimentação mais ostensiva do governo Bolsonaro nesse linha deverá, por sinal, estar entre os assuntos sobre os quais o ex-chanceler será questionado nesta terça-feira, quando prestará depoimento à CPI da Covid. Em março, Ernesto Araújo liderou uma comitiva oficial, reforçada por outros ministros e por parlamentares governistas, em visita a Israel. Objeto de críticas e objeções, inclusive pelo custo elevado, a viagem foi justificada em nome do interesse por um spray anticovid então testado por cientistas israelenses.

Um decreto presidencial colocou sob sigilo, por 15 anos, os telegramas trocados com o governo israelense em torno da visita. Ontem, porém, o Itamaraty admitiu oficialmente que a empreitada não resultou em qualquer acordo.

Em campanha?

A expectativa pela audiência em

que o ex-chanceler será inquirido extrapola os limites da investigação aberta no Senado sobre a atuação do governo na pandemia. Nas últimas semanas, em círculos bolsonaristas, o nome de Araújo vem sendo mencionado como possível candidato ao Congresso nas eleições de 2022.

Visto como próximo ao "guru" Olavo de Carvalho, o ex-ministro se destacou, já durante a transição, como um dos porta-vozes mais eloquentes da chamada "ala ideológica" do governo. Ao contrário do sucessor, que ilustra o perfil mais discreto da diplomacia, Araújo procurou — e obteve — notoriedade entre os seguidores do presidente pelas declarações repetidas contra o sistema multilateral, ao qual se refere como "globalista". Foi substituído a contragosto, depois de ter passado por "fritura" na Comissão de Relações Exteriores do Senado — justamente por ter dificultado as relações com a China, fornecedor essencial de vacinas contra a covid.

Olho na vizinhança

Não muito longe do Congresso, fisicamente, mas à margem do noticiário dominado pela CPI, o Itamaraty terá nas próximas semanas atenções voltadas para dois processos eleitorais em vizinhos sul-americanos. Hoje e amanhã, os chilenos escolherão os 155 inte-

grantes da assembleia convocada para redigir uma nova Constituição, destinada a substituir a Carta legada pela ditadura do general Augusto Pinochet.

A Constituinte foi o resultado mais palpável de uma onda de protestos sociais que eclodiu nos últimos meses de 2019 e só perdeu fôlego meses depois, sob impacto direto da pandemia. Nas ruas de Santiago e de outras cidades, os jovens que encabeçaram as manifestações deixaram evidente o descontentamento não apenas com o presidente Sebastián Piñera, um direitista, mas com praticamente toda a representação política convencional. Mais do que a relação de forças entre direita e esquerda, a votação deve redesenhar o sistema partidário, como previa para a eleição presidencial de novembro e dezembro.

Três semanas mais tarde, será a vez do segundo turno da disputa presidencial no Peru, onde todos os últimos governantes foram investigados ou mesmo condenados por corrupção. O segundo turno coloca frente a frente dois extremos: pela direita, Keiko Fujimori, filha de Alberto Fujimori, que governou com poderes ditatoriais nos anos 1990; pela esquerda, liderando as pesquisas, Pedro Castillo, candidato de um partido que se reivindica marxista-leninista — passadas mais de três décadas da queda do Muro de Berlim.